

Fronteiriço, Brasileiro, Paraguaio ou  
Brasiguaió? Denominações Identitárias  
na Fronteira Pedro Juan Caballero (PY) e  
Ponta Porã (BR)

Valdir Aragão do Nascimento

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS, Brasil

*E-mail:* 33valdir@gmail.com

## Resumo

Discute-se aqui as denominações identitárias autoatribuídas, tanto por brasileiros quanto paraguaios, em relação às categorias de fronteiriço, brasiguai, paraguai e brasileiro. São problematizadas ainda questões que se referem ao contato dos povos na fronteira, notadamente Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY). Conclui-se que a definição identitária autoatribuída quanto a se considerar Brasileiro, Paraguai, Brasiguai ou Fronteiriço na fronteira Brasil/Paraguai encerra uma série de definições situacionais, permeadas por afirmações jocosas e negações de determinadas formas de classificação fronteiriça. Definições situacionais que espelham a complexidade cultural existente na fronteira e os jogos de identidade que nela se desenrolam, tanto como estratégia de interação e convívio quanto como manifestação dos imbricamentos socioculturais que têm lugar nesses espaços.

**Palavras-chave:** Identidade Autoatribuída. Fronteira. Brasil/Paraguai. Pedro Juan Caballero. Ponta Porã.

## Abstract

*We discuss here the names self-assigned identity by both Brazilians and Paraguayans, in relation to the categories of frontier brasiguai, Paraguay and Brazil. It problematizes the issues that still refer to the contact people at the border, notably Ponta Porã (BR) and Pedro Juan Caballero (PY). We conclude that the definition of identity as self-assigned to consider Brazilian, Paraguayan, Brasiguai or Borderer in the frontier Brazil/ Paraguay contains a series of situational settings permeated by joking assertions and denials of certain forms of classification border. Situational definitions that mirror the cultural complexity in existing border and identity games that take place in it, both as a strategy of interaction and as a manifestation of sociocultural imbrications that take place in these spaces.*

**Keywords:** *Self-assigned Identity. Frontier. Brazil/Paraguay. Pedro Juan Caballero. Ponta Porã.*

## I Introdução

*Minha ignorância a respeito do que estou ajudando a fazer de mim mesmo é ainda mais grave: com efeito, se é verdade, como querem os pensadores [pós-modernos] que cada eu já é multidão, multiplicidade interna e externamente exposta a uma complexa heterogênesse, qual dos eus habitantes deste velho território chamado mim poderia ascender o suficiente para, do alto de sua transcendência, dar uma resposta categórica a essa pergunta? Duvido muito da possibilidade de um mim mesmo estar dotado de um eu capaz disso. (Orlandi, 2002, p. 218)*

Por ocasião de realização de trabalho de campo levado a cabo nas cidades paraguaias de Pedro Juan Caballero e Assunção em 2011 e 2012, e na cidade brasileira de Ponta Porã, também no mesmo período, questões sobre a autoatribuição identitária vieram à baila no decorrer da interação entre o pesquisador e seus interlocutores paraguaios e brasileiros. Diante de perguntas sobre a identidade dos interlocutores como moradores de uma faixa fronteiriça, muitos deles denotavam certa dubiedade quanto à sua condição como morador de fronteira.

O trabalho de campo mencionado teve como propósito a identificação e a consequente interpretação a respeito das relações existentes entre os paraguaios que vivem nas regiões de fronteira (Pedro Juan Caballero, PY), e os paraguaios que vivem no centro (Assunção, PY). O objetivo da pesquisa consistiu na identificação de contrastes identitários significativos entre a população paraguaia que vive na fronteira e a população paraguaia que vive em Assunção, capital do país. Buscou-se entender em que aspectos a identidade do pedrojuanino – como morador de fronteira – se distingue da identidade do assunseno, morador da capital, tradicional centro do poder político e econômico.

Trata-se, apenas de uma contribuição ao debate que tem, nos contextos de fronteira, sua dinâmica. Tem-se, então, que o artigo que ora vem a lume configura-se como uma breve leitura interpretativa de alguns aspectos de fenômenos socioculturais que se originam, se mantêm e se interpenetram na fronteira do Brasil com o Paraguai, notadamente Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

A cidade de Ponta Porã e seus moradores fizeram parte da pesquisa por conta de sua aproximação da cidade de Pedro Juan Caballero, dado o fato de serem cidades gêmeas e conurbadas situadas na faixa de fronteira entre Brasil e Paraguai. Em conversas e entrevistas realizadas pelo autor com os *casilheiros*<sup>1</sup> e demais vendedores das ruas de Pedro Juan Caballero, veio a lume questões que versavam sobre identificação e autoidentificação; ou, em outras palavras, questões que tinham como objeto fulcral a definição – ou definições – terminológica que eles se autoatribuíam.

A cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero e a cidade brasileira de Ponta Porã são exemplos de interação no que respeita aos aspectos socioculturais e as estratégias de diferenciação e inserção entre os habitantes das duas cidades. São essas duas cidades que serão o objeto da pequena exposição que se segue quanto às questões referentes ao pertencimento, à identidade e à autoatribuição identitárias no contexto de fronteira, notadamente as que dizem respeito às categorias de *fronteirício, brasileiro, paraguaio e brasiguai*.

## 2 Tensões Brasil/Paraguai

Albuquerque (2010, p. 36) informa que as fronteiras naturais com o Brasil e o Paraguai “[...] foram definidas pelo Tratado de paz e de limites Loizaga-Cotegipe em 1872, logo após a derrota do Paraguai na Guerra do Paraguai (1864-1870)”. De acordo com ele, os dois países assinaram um tratado complementar em 1927 e assim “[...] terminaram de ser demarcados alguns pontos do rio Apa e da Bahia negra”. Entretanto, em 1963 “[...] surgiu um novo problema em torno da demarcação precisa do quinto salto das Sete Quedas no rio Paraná, na divisa entre os estados brasileiros do Paraná e Mato Grosso do Sul

e o Paraguai”. O episódio acabou por despertar “[...] sentimentos nacionalistas e serviu para questionar a política brasileira de delimitação e demarcação dos limites da nação”. (Albuquerque, 2010, p. 36)

Acerca das tensões e dos interesses envolvidos entre os habitantes na fronteira Brasil/Paraguai, pode-se observar que a maioria dos conflitos que ocorreu nas duas últimas décadas na fronteira Leste do Paraguai foi ocasionada por disputas de terra entre movimentos camponeses paraguaios e imigrantes brasileiros que são proprietários de fazendas naquele país. Os movimentos camponeses, embora “invadam” predominantemente as propriedades dos imigrantes brasileiros, também ocupam grande número de outros estrangeiros que vivem no Paraguai – alemão, menonitas, árabes, coreanos, chineses e norte-americanos – e dos próprios latifundiários paraguaios, principalmente de militares que conseguiram grandes faixas de terra durante a ditadura de Stroessner; os conflitos envolvendo “brasiguaios” e campesinos não se resumem à disputa pela terra: estão relacionados à destruição florestal e uso de agrotóxicos nas lavouras de soja, bem como ao confronto político entre camponeses e prefeitos “brasiguaios”. (Albuquerque, 2009)

Nesse cenário, ocorrem extermínios, negação do outro e descoberta da alteridade. Essas frentes não estão separadas na realidade social. Grandes empresas capitalistas, empreendimentos estatais e posseiros podem chegar, no mesmo momento, em determinadas regiões e gerarem várias formas de conflitos e alianças táticas (Albuquerque, 2008).

Reforçando o que foi observado anteriormente – no que diz respeito ao espaço de trocas comerciais e de vivências – Sprandel (2006) acredita que é parte da estratégia de sobrevivência de muitas famílias a busca de serviços ou trabalho no outro lado da fronteira, sempre que acreditam que ali terão melhores possibilidades de assistência social básica ou melhores empregos. Pode-se citar, como exemplo, o caso de brasileiros que trabalham no comércio de Ciudad del Este ou nas áreas agrícolas dos departamentos paraguaios e argentinos selecionados. Há o registro, igualmente, de brasileiros que procuram em Misiones remédios ambulatoriais gratuitos oferecidos pelo Plano Remediar. Inversamente, verifica-se a procura, por paraguaios e argentinos, de testagem e tratamento gratuito para AIDS no Brasil. São inúmeras

as situações de brasileiros que vivem na Argentina ou no Paraguai e que matriculam seus filhos em escolas brasileiras ou que procuram no Brasil serviços gratuitos de saúde. (Unicef, 2005 *apud* Sprandel, 2006, p. 12)

Apesar dessas aproximações, matizadas, é claro, por necessidades prementes de melhores condições de existência material e educacional, vê-se também, tratando da relação entre “brasiguaios” e paraguaios, que os grupos familiares que se identificaram como “brasiguaios” inseriram-se de forma distinta no conjunto de mobilizações camponesas pela terra. Sua ênfase na nacionalidade brasileira e na denúncia de situações de injustiça vividas no Paraguai, embora não se caracterizassem como conflitos étnicos com a população paraguaia revelavam a utilização de elementos e categorias étnicas na condução das diversas etapas de uma mobilização que ficou registrada como um dos principais conflitos pela posse da terra da época. (Sprandel, 2006)

Apesar das interações, Banducci Júnior (2009) observa que existe uma rivalidade histórica entre os dois povos, que advém do período da Guerra com o Paraguai, em função da qual são disseminadas imagens negativas do Brasil, visto como nação imperialista e usurpadora de territórios, enquanto seu povo é tido como arrogante e presunçoso. Os brasileiros, por seu lado, nutrem uma imagem do Paraguai como país atrasado, subdesenvolvido, com um povo pouco empreendedor, violento e desleal; comumente associado à derrota e à pobreza, por isso o povo é taxado de desonesto e traiçoeiro, entre outros qualificativos depreciativos que desaparecem da idealização do convívio amistoso com o povo irmão.

O fantasma do período da Guerra não é o único fator a assombrar as relações entre os dois países. Outras questões somam-se a isso, tais como a já mencionada situação dos brasileiros que migraram para o Paraguai em busca de terras, os chamados “brasiguaios”; o tratado de Itaipu – em 1973; os problemas relacionados à produção, comercialização e distribuição de entorpecentes na fronteira, dentre outros. Poder-se-ia conjecturar que existe uma imbricação, no que respeita à rivalidade entre os dois países, desses fatores apontados; tendo como base fundante a Guerra.

Anita Sprandel (2009) afirma que o desrespeito ao Paraguai é muito grande, principalmente quando se observa a relação do Brasil com outros países, como a Bolívia e o Equador. De acordo com a pesquisadora, o Paraguai é importante para o Brasil, portanto, se faz necessário respeitá-lo e apoiá-lo, tentando entender a situação desses brasileiros que se tornam paraguaios. Para ela, “Não podemos ser maniqueístas e achar que o brasileiro é brasileiro puro que acaba sofrendo as dificuldades do Paraguai”. (Sprandel, 2009, p. 1)

### **3 Pedro Juan Caballero e Ponta Porã: cidades gêmeas, mas não univitelinas**

O nome da cidade, Pedro Juan Caballero, é em homenagem ao capitão Pedro Juan Caballero, um dos líderes da independência do Paraguai. A cidade está situada a 536 km de distância de Assunção e a 596 km de Ciudad del Este. Sua economia gira em torno da agricultura, da pecuária e do comércio. Capital do XIII Departamento de Amambay faz fronteira seca com o município brasileiro de Ponta Porã, localizado no Estado de Mato Grosso do Sul. Pertencem ainda ao Departamento de Amambay as cidades de Bella Vista e Capitán Bado. (Martins, 2007)

Conforme as informações de Goiris (1999), a cidade de Pedro Juan teve origem às margens de uma pequena lagoa chamada Lagoa Punta Porã – atualmente, Parque Municipal – e teve como economia inicial o processamento de erva-mate e a exploração das florestas que ficam em seu entorno. Teve crescimento considerável a partir da segunda metade do século XX marcado pelo crescimento do comércio e de atividades voltadas ao turismo.



Figura 1: Fronteira Pedro Juan Caballero/Ponta Porã – vista aérea  
Fonte: Ponta Porã (2014)

Em dezembro de 1899, às margens da lagoa Punta Porá, erigiu-se a primeira delegacia de polícia da região. Tal fato ficou relacionado historicamente com a criação do Município de Pedro Juan Caballero; que só obteve reconhecimento político e militar por meio do Decreto de 30 de agosto de 1901. Para alguns estudiosos, Pedro Juan Caballero só começou a existir oficialmente a partir da publicação do mencionado decreto. Possui aproximadamente 88.029 habitantes, localizando-se a nordeste da República do Paraguai. A agricultura, a pecuária e o comércio constituem-se como principais atividades econômicas da região.

Na América do Sul, o Paraguai é considerado uma das economias mais frágeis, configurando-se pela dependência do comércio informal, notadamente de bens de consumo importados para os países limítrofes – Argentina, Brasil e Uruguai. Essa dependência do comércio informal é muito mais clara nas cidades que fazem fronteira com o Brasil, especialmente Ciudad del Leste e Pedro Juan Caballero. Outra fonte de renda do país deriva do excedente de energia elétrica exportado para o Brasil, por meio da Hidrelétrica de Itaipu. O Paraguai apresenta também uma forte dependência da agricultura, sendo que aproximadamente 50% do PIB paraguaio advêm dessa atividade.



A soja é o produto por excelência de exportação, chegando a elevar o Paraguai como um dos maiores e mais relevantes exportadores do produto no mundo. Contudo, diversos outros artigos também detêm relevância, tais como cana-de-açúcar, milho, mandioca, soja, algodão, banana e, ainda que em menor proporção, café, fumo, arroz, erva-mate e sementes oleaginosas. (Lamberti, 2011)

A pecuária é outra atividade-chave na economia paraguaia, tendo o gado bovino como maior representante. Outras criações somam-se à bovinocultura, tais como as criações de cavalos; porcos; carneiros e aves. A pesca é praticada de maneira artesanal, embora os rios ofereçam uma enorme quantidade de pescado que, comercialmente explorado, alavancariam a economia do setor. A pecuária constitui-se, junto com a agricultura, uma das mais relevantes fontes de dividendos do país, fazendo-se presente em todo território nacional desde a colonização espanhola. (Lamberti, 2011)

A cidade de Ponta Porã teve origem a partir de uma aglomeração urbana muito pequena denominada Punta Porá. Antes do conflito entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, a região era de domínio do Paraguai e era habitada por povos indígenas tais como os Kaiowá e os Nhandeva. Com o fim da Guerra, iniciou-se um processo que visava à estabilização e controle das regiões brasileiras que faziam fronteira com o Paraguai. Em 1892, Ponta Porã apresenta seus primeiros laivos de mudança e um conseqüente progresso econômico, impulsionados pela crescente presença de migrantes gaúchos, que tencionavam praticar a agropecuária, o cultivo de terra e a criação de gado. (Torrecilha, 2004)

A ocupação da região se deu devido ao fato de o Imperador Dom Pedro II, temeroso de uma possível tentativa de usurpação do território nacional, instituir uma colônia militar para guarnecer o território e sua fronteira; além de objetivar o contínuo contato da região com a Capital do Império. Ponta Porã, até 18 de julho de 1912, era um distrito secundário de Nioaque e, depois, ficou subordinado ao distrito de Bela Vista. Com a publicação – em 18 de julho de 1912 – do Decreto n. 617, passou à condição de município de Ponta Porã, deixando, assim, de ser distrito de Bela Vista. No entanto, só com a publicação do Decreto n. 820, de 29 de outubro de 1920, passou a existir oficialmente como cidade.

Queiroz (2004) chama a atenção para o fato de que não apenas Thomas Larangeira explorava a erva-mate na região, mas também uma gama de imigrantes oriundos principalmente dos Estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná e São Paulo. A respeito da influência e da importância econômica dos imigrantes na região, Queiroz (2004) assegura que, além do cultivo e da exploração da erva-mate, eles ainda se dedicavam à agricultura de subsistência e à pecuária bovina, complexificando e enriquecendo o universo econômico da região.

As cidades gêmeas de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY) caracterizam-se por um elevado e constante fluxo de pessoas e de mercadorias, facilitado por sua condição de conurbação. A proximidade entre as duas cidades oportuniza uma série de inter-relações entre os moradores da fronteira, especificamente as cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã.

A fronteira física e a condição de cidades conurbadas exercem variadas influências na população fronteiriça. Um exemplo disso pode ser percebido nos conflitos entre autoridades brasileiras e paraguaias, principalmente no tocante às leis de trânsito. É comum ver brasileiros, moradores de Ponta Porã reclamarem que foram multados em Pedro Juan Caballero injustamente, argumentam eles. Em contrapartida, os pedrojuaninos também reclamam do tratamento que recebem por parte das autoridades de trânsito em Ponta Porã. Tal situação contribuiu para a manutenção do preconceito entre paraguaios e brasileiros.

Em relação a esse pequeno conflito, que tem as leis de trânsito dos dois países como protagonistas, o que ocorre é uma má vontade política por parte das autoridades de trânsito – tanto paraguaias quanto brasileiras – em resolver o problema. Em Pedro Juan Caballero não existe transporte público, por conta disso, as motocicletas de baixa cilindrada podem ser compradas por quantias módicas (pode-se adquirir uma motocicleta, nova, de 150 cc por R\$1.500,00. Contudo, em Pedro Juan, essas motocicletas rodam sem placas e seus condutores não fazem uso, costumeiramente, do capacete de proteção. Quando eles entram em Ponta Porã, são multados e têm suas motocicletas apreendidas, o que causa grande revolta nos motociclistas, porque a multa equivale a R\$ 383,08 e o veículo é apreendido.

O problema, segundo alguns interlocutores, não é a multa em si, mas a apreensão do veículo, o que gera mais gastos e, por vezes, torna impossível, economicamente, reaver a motocicleta. Essa situação é retaliada pelas autoridades de trânsito paraguaias que, de acordo com interlocutores de Ponta Porã, são extremamente duros na aplicação de suas leis:

“Cara, lá é dose (Pedro Juan). Se eles veem que sua placa é daqui (Ponta Porã), eles te perseguem! Já mandam parar, querem documentos, vistoriam o carro querendo achar alguma coisa errada. E quando acham qualquer coisa, aí lascô, se você não tiver dinheiro, tá ferrado. Mas isso é só com a gente aqui, com o pessoal de fora eles não ligam muito”. [Cícero da Conceição, Bancário, casado, 39 anos, ensino superior incompleto na área de economia]

O depoimento de Cícero, a respeito do tratamento que as autoridades de trânsito paraguaias dão aos pontaporanenses, ilustra bem as múltiplas implicações sociais que os limites impõem à vida sociocultural dos fronteiriços. A respeito dos limites, Barth (1998, p. 188) assevera que

Em primeiro lugar fica claro que as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. [...] Em segundo lugar, descobre-se que relações sociais estáveis, persistentes e muitas vezes de uma importância social vital, são mantidas através dessas fronteiras.

Dito de outra forma, as fronteiras físicas – apesar de culturalmente transponíveis – existem e impõem àqueles que as atravessam uma série de situações que, por sua própria dinâmica, acabam por engendrar relações sociais de crucial importância entre os indivíduos.

Portanto, o contato em regiões de fronteira não pode ser visto – tão somente – através de lentes românticas, que vislumbram a interação sem embates, sem dissidências, destituída de preconceitos e arrogância mútua entre os envolvidos. Tal paraíso fictício é engendrado por muitos intelectuais, dentre eles pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, escritores, artistas, poetas. O objetivo, presume-se, apesar de louvável, é ingênuo e inócuo: elaborar uma noção de fronteira

onde a irmandade é o mote, onde não existem fronteiras culturais; tal empreendimento desconsidera as injunções e ingerências políticas que se fazem presentes no cotidiano das pessoas.

A linha de fronteira, que demarca o limite internacional no contexto urbano, constitui-se numa estreita faixa de terra, com aproximadamente 13 km de extensão, tangenciada pela Avenida Internacional, no lado brasileiro, e pela rua Dr. Francia, no lado paraguaio. As duas cidades se desenvolveram ao longo dessa linha divisória, através da qual se estabeleceram as casas comerciais e as residências de paraguaios e de brasileiros. (Lamberti; Oliveira, 2008)

O cotidiano dos moradores da fronteira caracteriza-se por diversas relações que envolvem integração e separação, muitas vezes contraditórias em sua essência. Convivem em um mesmo espaço sociocultural diversas manifestações identitárias, tanto de cunho regional quanto de caráter cultural, está última matizada pelas características peculiares que a condição de fronteira enseja: encontro de línguas, costumes e tradições. Apesar do constante contato, os moradores de ambas as cidades se veem submetidos a distintos poderes e cerceados pelos limites territoriais e jurídicos que caracterizam a jurisdição de cada país.

Durante o trabalho de campo realizado (2011, 2012) na fronteira Brasil/Paraguai, mais propriamente Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR), notou-se que é muito presente no discurso dos entrevistados e demais interlocutores de nacionalidade paraguaia, a importância que é atribuída ao domínio das várias línguas que são faladas na fronteira. Saber português é uma das exigências dos empregadores para a contratação de seus funcionários em Pedro Juan Caballero.

Essa relevância é acentuada quando se pergunta ao morador de Pedro Juan Caballero (PY) o que o diferencia do resto da população que não mora na fronteira, como o depoimento do comerciante Antonio Hidalgo (casado, 55 anos, superior incompleto) ilustra: “[...] *aqui é muito diferente de Assunção. Aqui a gente sabe fala o português. Se você vai pra Assunção, você vai ver que eles não sabem nada de português*”.

A língua acaba por ser entendida, nesse contexto, como um dos fatores de distinção entre os membros de uma mesma nação. A comparação que Antonio faz com Assunção, a capital do Paraguai, causa certa estranheza à primeira vista, posto que a comparação também

seria válida se fosse feita com os moradores de Pedro Juan que não moram na fronteira, mas residem mais para o centro, nas regiões rurais e afastadas do centro comercial de Pedro Juan – ou mesmo as cidades que não fazem divisa com o Brasil.

A comparação talvez se dê por conta da cidade de Assunção ser o centro do poder, poder político e cultural, do país. A comparação também pode ser atribuída ao fato de muitos considerarem a cidade de Assunção com o que há de mais próximo – segundo o imaginário paraguaio – da noção de civilidade, cosmopolitismo, beleza arquitetônica ou ambiente de efervescência intelectual e cultural. Antonio, bem como os outros interlocutores, quiçá inconscientemente, usou o conhecimento que os pedrojuaninos têm a respeito da língua portuguesa como um fator de distinção, de diferenciação, um sinal diacrítico que atua na composição da identidade do pedrojuanino. Constitui, salvo melhor interpretação, um capital simbólico na medida em que atribui aos seus “portadores” – pelo menos aos seus próprios olhos – uma vantagem social.

A fronteira Brasil/Paraguai, notadamente Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, tem despertado interesse da comunidade acadêmica do Estado de Mato Grosso do Sul; principalmente pesquisadores que se dedicam ao estudo do turismo e seus desdobramentos em condições de fronteira. Interessam a esses pesquisadores os aspectos socioculturais e econômicos que por vezes constituem processos que transformam a realidade – ou realidades – do fronteiriço.

Autores como Banducci Júnior (2009, 2011), Machado (2009), Osório (1995), Lamoso (2007), Oliveira (2005, 2009) e Nascimento (2012), dentre outros, têm contribuído sobremaneira – dentro de seus campos de atuação – para o entendimento da fronteira Brasil/Paraguai como espaço de contextos significativos de demarcação de diferenças e de classificações da alteridade entre povos e culturas contíguos (Banducci Júnior, 2011). Portanto, para esse antropólogo, os contextos fronteiriços constituem objetos “[...] privilegiados para a investigação da natureza das identidades, na medida em que fomentam relações de alteridade e a dinâmica das representações de si e do ‘outro’” (Banducci Júnior, 2011, p. 7). Assim, o que se tem, de acordo com Osório (1995), é um espaço de fronteira em que os significados

só podem ser compreendidos na medida em que as análises acerca dos seus contextos levem em consideração às sociedades e as condições que os produziram.

Em face à pergunta *como você se define como morador da fronteira?* As respostas dos interlocutores pedrojuaninos foram as mais inusitadas possíveis. Muitos se identificavam como paraguaios ou, até, brasiguaios. Apenas uma pequena parte, inexpressiva, segundo o autor, se dizia fronteiriço. Alguns funcionários públicos chegaram a usar o termo, mas com certa hesitação, como testemunha o seguinte depoimento “*Sei lá, eu acho que sou meio fronteiriço, meio paraguaio meio brasileiro*”. (Luiz Barreto Tedesco, Pedro Juan Caballero, 2011)

Ainda de acordo com o autor em tela, somente indivíduos oriundos dos estratos mais intelectualizados, como professores, políticos, jornalistas e advogados, por vezes se autodenominam fronteiriços; mas, ainda assim, o fazem num misto de incerteza, de inexatidão

Exemplifica o teor dos discursos supramencionados o depoimento do professor de sociologia e artista plástico paraguaio Julio Alvarez, depoimento este colhido por Soares (2008) quando da sua pesquisa de campo na fronteira Brasil/Paraguai em 2008. De acordo com Julio Alvarez, a condição de fronteira e de fronteiriço pode ser entendida da seguinte maneira:

A fronteira simboliza basicamente uma forma de ser. Isto significa que nesta fronteira seca do Brasil com o Paraguai, neste lugar do nordeste paraguaio ela é uma forma de ser, de atuar e uma forma de compreender de uma outra maneira. Em nosso país não tem nenhuma outra igualdade, nenhuma outra similitude. Então justamente desse ponto de vista, esta fronteira significa uma cultura híbrida, uma mistura de ambas que forma uma terceira que é muita [sic] particular e muito singular. Enquanto a própria identidade, as pessoas se identificam fronteiriços, que significa esta terceira forma de ser. Ambas as comunidades tem identificações que se particularizam com a cultura de um e de outro lado e que forma uma terceira sem ser nem brasileira nem paraguaia. (Soares, 2008, p. 59)

Desse modo, fica patente que a autoidentificação como *fronteiriço* só aparece nos discursos mais elaborados e provindos das camadas mais

informadas e intelectualizadas. O paraguaio médio, o homem do povo, por assim dizer, na sua maioria não se identifica como fronteiriço. Essa designação é fictícia como categoria identitária, pelo menos no que compete à fronteira Ponta Porã/Pedro Juan Caballero. Tal designação é tributária, salvo melhor interpretação, de análises e interpretações apressadas e equivocadas feitas a partir de entrevistas, à moda da prática de alguns setores do jornalismo, destituídas de cientificidade; de preocupações metodológicas e/ou conceituais que levem em consideração as inúmeras variáveis existentes no processo que envolve perguntas e respostas no decurso de uma entrevista<sup>3</sup>.

No que diz respeito ao uso de entrevistas e de questionários como instrumentos – parciais – de captação de dados, pode-se acolher, então, as suspeitas de Thiollent (1985, p. 48, grifo do autor) quando ele adverte que tais métodos podem ensejar “[...] distorções porque são construídos de forma *sociocêntrica*, ou seja, a partir do universo cultural dos pesquisadores e não dos problemas e experiência dos respondentes”. Desse modo “Como consequência do *sociocentrismo* presente nos dispositivos de investigação, eles manifestam uma imposição de problemática que estimula a produção de respostas chamadas reativas” (Thiollent, 1985, p. 48, grifos do autor). O autor em questão vai além quando assevera que

[...] a *distância cultural* existente entre os dois universos (pesquisadores e pesquisados): 1) remete a não comparabilidade das respostas quando a população entrevistada é heterogênea. O argumento é que apenas aqueles grupos (os sujeitos) comparáveis aos dos pesquisadores poderiam compreender o sentido das questões; 2) – induz o pesquisador a interpretações erradas que, regra geral, concordam com sua visão de mundo ou com a de quem encomendou a pesquisa (Thiollent, 1985, p. 48, grifos do autor)

Nesse sentido, Thiollent (1985) acredita que tanto o questionário quanto a entrevista configuram-se como um dispositivo unilateral, no entendimento de que essas não seriam ferramentas suficientemente capazes de instituir uma comunicação recíproca, um sistema de troca entre entrevistador e entrevistado, tolhendo a criatividade e a iniciativa dos entrevistados.

No tocante ao vocábulo *fronteiriço*, conclui-se que é passível a admissão de tal termo como palavra que represente o indivíduo que reside na linha de fronteira, mas daí a considerar tal designação uma categoria da qual emanaria uma forma de identidade híbrida, entre brasileiro e paraguaio, que seria traduzida pela simples evocação da palavra, implica em grave erro conceitual.

#### **4 “Yo soy paraguayo, chamigo!”: nacionalidade e sentimento de pertença em Pedro Juan Caballero (PY)**

A realidade sempre é mais ou menos do jeito que nós queremos. Só nós somos sempre iguais a nós-próprios.  
(Fernando Pessoa)

O povo paraguaio é reconhecidamente nacionalista, como apontam autores como Whigham (2009), Creydt (2010) e Pozzo (2008), dentre outros. Creydt (2010) localiza a formação da nacionalidade paraguaia no processo de luta que emergiu desde a colonização espanhola. Para Whigham (2009), o nacionalismo, ou sentimento de pertença, do povo paraguaio, bem como de toda a região do Plata, teve sua origem na Guerra da Tríplice Aliança. Para esse autor, não existia, até então, pelo menos não de maneira tão exacerbada, essa identificação dos membros de um território com os símbolos nacionais – materiais e imateriais – que o representam.

Aníbal Pozzo (2008), por sua vez, situa a construção da identidade nacional paraguaia nos primeiros anos do século XX, indissociavelmente relacionada e tributária da ênfase dada à querela ideológica entre Cecilio Báez e Juan E. O’Leary<sup>4</sup>:

Considero que, en términos de la idea de nación que se desarrolla durante los primeros años del siglo XX y a partir de esta polémica, la sociedad nacional es heredera de estos conceptos desarrollados e implementados durante esos meses. (Pozzo, 2008, p. 366)

Apesar de algumas divergências relacionadas à datação inicial do processo de origem, ou do recrudescimento, da nacionalidade paraguaia, os autores supracitados concordam com a tese na qual se



afirma que o paraguaio é um povo extremamente nacionalista; como se pode depreender de suas posições sociopolíticas constantes dos parágrafos anteriores.

A identidade nacional paraguaia pode ser localizada tanto no seu devir histórico como nação, quanto nas manifestações culturais acionadas para representar tal identidade. Isto é, pode ser localizada através de sua herança cultural indígena, pelas influências do período colonial, por meio da influência religiosa legada pelos franciscanos e jesuítas; ou, ainda, no culto e na adoração à Virgem de Caacupê, na constante rememoração dos provalados feitos heroicos de seus heróis de guerra, e na construção de uma identidade paraguaia essencializada e indissociavelmente vinculada aos símbolos materiais e imateriais erigidos e constantemente rememorados.

Ao se identificar como fronteiriço, brasiguai ou paraguaio, o pedrojuanino se posiciona diante de si mesmo e diante dos outros. Em Pedro Juan Caballero, a fala dos interlocutores denota certa hesitação em responder à questão *como você se define como morador da fronteira?* As respostas variaram entre brasiguai e paraguaio. No entanto, diante da indagação qual a sua nacionalidade? As respostas eram dadas prontamente: *“Yo soy paraguayo, chamigo!”*.

Ressalta-se que tal resposta – quando a indagação se relacionava à nacionalidade – era verbalizada quase que automaticamente. Mas quanto a se definir morador de fronteira, não havia nada interiorizado que desse uma resposta satisfatória. A primeira resposta era verbalizada quase que automaticamente; fazia – e faz – parte da consciência nacional, cultural e socialmente introjetada no imaginário coletivo dos indivíduos como pertencentes a uma nação; ou nas palavras de Hall (2001, p. 8) “[...] aqueles aspectos de nossa identidade que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Para dar a segunda era necessário pensar, teorizar e improvisar, quando não se tinha a resposta, ou mesmo assumir que não sabia responder àquela questão. Ilustra a afirmativa o depoimento de Hercílio Gotardo (paraguaio, 52, pedreiro, casado, ensino fundamental completo).

Como você se define como morador da fronteira?

Sei lá... Eu acho que... sou meio brasiguaiio. Vivo aqui na fronteira e a gente está sempre em contato com os brasileiros, eu tenho até alguns amigos lá [no Brasil], e eu entendo bem português, tenho amizades e tudo, então acho que sou meio misturado (risadas) [o fator cômico, nesse contexto, se deu por conta de que a palavra ‘misturado’ é também usada – emicamente – para aludir à menstruação]. [Hercílio Gotardo, Pedro Juan Caballero, 2011]

E sua nacionalidade? “*Não, aí num tem mistura, eu sou paraguaio mesmo. Nasci aqui no Paraguai, meus pais são paraguaios legítimos, nascidos aqui também*”. Mas o que é um paraguaio não legítimo? É um paraguaio falsificado? Provoca o pesquisador. *Não, não é isso. Geralmente é a pessoa que tem mãe ou pai paraguaio*”.

E como são denominadas essas pessoas? Tem algum nome especial, vocês têm alguma palavra para definir essas pessoas? Seu Hercílio responde “*Não, não. Bom, mas acho que dá pra chamar de brasiguaiio também, né? Tá tudo misturado*”. Então quer dizer que o paraguaio descendente de pais brasileiros não é um paraguaio como os outros? Não é um paraguaio *Porte*<sup>4</sup>? “*Como assim? Não entendi*”. Responde Hercílio.

O paraguaio que não tem pai e mãe também paraguaios, aqui, para vocês é menos paraguaio do que os outros? “*Não, não, não é isso. É tudo igual, não tem diferença*”.

Observou-se que os paraguaios mais jovens, vendedores, comerciantes, estudantes, não foi difícil perceber – em sua indumentária e outros signos – a presença constante de aspectos da cultura brasileira. Em muitas das motocicletas que circulam por Pedro Juan Caballero podem ser vistos adesivos que trazem estampada a frase de um *hit* musical oriundo do Brasil: *Ai se eu te pego* do cantor Michel Teló. Outro dos elementos que compõem a aparência de muitos jovens paraguaios é o cabelo estilo Neymar (jogador de futebol brasileiro).

Quando perguntados como se definiam, não titubeavam: “*No-sotros somos paraguayos*”. Inquiridos do motivo de usarem o cabelo à *la* Neymar e os adesivos com a frase da música brasileira, disseram que isso não tinha nada a ver: “*O fato de a gente cortar o cabelo do jeito do Neymar não quer dizer que nós não somos mais paraguaios. A gente usa porque gosta mesmo. Além do mais, você pode ver que isso não é só aqui. Todo mundo usa, é só prestar atenção na TV que você vê isso*”.

[Henrique Barreto, 16 anos, estudante. Pedro Juan Caballero, 2011].

Contudo, o fato de apreciarem alguns aspectos da cultura brasileira não torna os jovens menos paraguaios; menos nacionalistas. Nesse sentido, a análise de Barth (2000, p. 32) acerca da relevância dos sinais escolhidos para representar as identidades, é pertinente:

Uma vez que pertencer a uma categoria étnica implica ser um certo tipo de pessoa e ter determinada identidade básica, isto também implica reivindicar ser julgado e julgar-se a si mesmo de acordo com os padrões que são relevantes para tal identidade.

Ademais, como já observado por Grimson, (2004), os hibridismos culturais não dão origem ou testemunho de formas de identificação reputadas como híbridas, ou seja, não existem identidades híbridas; a não ser enquanto mito, como afirmou Bhabha (1998). Conforme Burke (2003, p. 31),

Devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro [que supostamente gera identidades], quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura, quer reforcem os antigos elementos.

Burke (2003) lembra ainda que hibridismos culturais podem ser descobertos em toda parte, em todas as épocas; não são características da atualidade ou do processo de globalização, se bem que esse acelerou, e acelera, o processo que possibilita tais convergências. Para ele, os espaços de fronteira não se constituem apenas locais de encontro, mas de sobreposições e intersecções entre culturas.

No entanto, tais sobreposições e intersecções não significam a subsunção de uma identidade cultural pela outra; ou, ainda, a criação de uma terceira identidade a partir dessas duas primeiras. Assim, a crença que algumas pessoas – dentre elas pesquisadores e intelectuais oriundos dos mais diversos setores da sociedade, tanto brasileira quanto paraguaia – manifestam quanto à existência de uma terceira identidade oriunda das inúmeras relações e interconexões entre brasileiros e paraguaios nos contextos de fronteira não tem, a meu ver, razão de ser. Reforça essa interpretação a fala dos interlocutores paraguaios

que declaram em alto e bom som, e com orgulho, sua nacionalidade paraguaia. Aqui, o sentimento de pertença a determinado grupo étnico é reforçado diante da ameaça simbólica de subsunção de sua identidade nacional em favor da identidade brasileira, ou de características socioculturais (embora efêmeras) elencadas para representá-la.

Em relação aos jovens paraguaios contatados em Pedro Juan Caballero durante a pesquisa, quando indagados acerca da possibilidade de morarem no Brasil, muitos disseram que apesar de gostarem do Brasil, não tinham nenhuma pretensão de mudar de país; pelo menos não sem uma razão muito forte e imperativa.

Tanto em Pedro Juan Caballero quanto em Assunção, os jovens com os quais se estabeleceu contato não demonstraram interesse em morar no Brasil; mas ventilaram o desejo de visitar algumas cidades turísticas do país. O Brasil aparece, no discurso desses interlocutores, como um destino turístico possível, principalmente as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo; a primeira por suas belezas e atrativos e a segunda pela sua magnitude arquitetônica.

### 5 *“Eu sou brasileiro, igual a você!”*

Em Ponta Porã, a maioria dos interlocutores não se identificou como fronteiriço. Quando abordados e inquiridos acerca de como se viam como moradores da fronteira, muitos aludiam a alguns aspectos culturais compartilhados entre os dois povos<sup>5</sup>, à interconexão existente entre o Brasil e o Paraguai por conta de fatores políticos e econômicos; mas, muito raramente, se autoidentificavam como fronteiriços. O depoimento do taxista Rogério Leandro de Almeida (54 anos, casado, ensino médio incompleto) ilustra algumas das opiniões colhidas pelo autor em questão.

Rapaz, eu não me sinto fronteiriço, não. Eu sou brasileiro mesmo. Esse negócio de dizer que somos fronteiriços só porque moramos e trabalhamos na faixa de fronteira para mim é besteira, sabe. Cada um é cada um. Eu nem sei de onde surgiu isso, esse negócio de fronteiriço; você já viu alguma carteira de identidade onde a nacionalidade do cidadão é fronteiriça, não, né? Pois é, lá [na carteira de identidade] está escrito brasileiro e não fronteiriço. Igualzinho lá em Pedro Juan, os documentos deles não trazem

nada disso escrito. Então, de onde saiu isso? Quem inventou esse negócio, rapaz? Eu não sei. [Rogério Leandro de Almeida, Ponta Porã, janeiro, 2012]

Desse modo, percebe-se que, quando solicitados a se definirem, de pronto, muitos pontaporanenses respondiam, como fez seu Rogério; e seu João Farias segue o mesmo exemplo: “*Sou brasileiro, ué! Igual a você!*” Responde seu João Farias. Está certo, seu João, mas me diz uma coisa: como o senhor se define quanto à fronteira, o fato de morar perto da fronteira definiria de maneira diferente seu modo de ser? Seu João responde que: “*Não, moço, eu sou brasileiro mesmo. Tá certo que aqui na fronteira é tudo muito misturado, mas eu me vejo como brasileiro mesmo. Me vejo não, eu sou brasileiro mesmo*” (risadas). [João Farias, casado, 51 anos, comerciante, ensino médio incompleto, Ponta Porã, 2011]

Mas tem gente que se diz fronteiriço, brasiguai? Indaga o antropólogo.

É, eu sei. Mas eu não! Mas geralmente quem diz isso são os grandões, sabe? Querendo fazer bonito, principalmente para quem é de fora. Então eles inventam essas coisas, para parecer que aqui é tudo a mesma coisa, quando eu acho que não é. Não é porque a gente mora perto que a gente vai mudar de identidade, trocar os documentos, perder nossa tradição, nossa cultura. Que tem mistura, isso tem. Mas as pessoas preservam seus costumes, suas crenças, suas diferenças; não é assim desse jeito que o povo pinta, principalmente esses que se dizem fronteiriços ou brasiguaies, pelo menos os do lado de cá [Ponta Porã], como se todo mundo fosse igual, todo mundo muito parecido. [João Farias, Ponta Porã, 2011]

O depoimento de seu João Farias é de extrema importância para se entender alguns pontos referentes à construção de identidade, ou identidades, na fronteira Brasil/Paraguai. Pode-se notar, através de sua fala, que as pessoas, em sua maioria, não se deixam levar pela ideologia integralizadora que quer irmanar os povos a todo custo em torno de uma identidade única, caudatária de um hibridismo que dilui e mistura diferenças, idiossincrasias e aspectos socioculturais; que são transformados – a partir de raízes culturais as mais diversas – em algo *sui generis* que é representado, como mencionado, por uma denominação identitária fictícia e que, via de regra, tem sua origem em discurs-

tos político-ideológicos que – quase sempre – visam tão somente ao atendimento de objetivos imediatos relacionados às políticas públicas voltadas ao fomento do turismo e do comércio de uma maneira geral.

## 6 “*Eu sou brasiguaiia, moço*”

Quanto à designação de brasiguaiio<sup>6</sup>, os pedrojuaninos não a utilizam com o sentido histórico que a ela é atribuído: o brasileiro que migrou para o Paraguai e lá se estabeleceu. Segundo Waldelice Hernandez (*casilheira*, 36 anos, casada, católica, ensino fundamental completo) “*Eu sou brasiguaiia, moço*”. Mas o que significa ser brasiguaiio para você? “*Ah, eu moro aqui na fronteira, então eu acho que sou brasiguaiia, meio brasileira meio paraguaiia.*”

Assim, a *casilheira* Waldelice, ignorando a origem do conceito Brasiguaiio, se identifica como um deles. Alguns conceituam o brasiguaiio como aquele que tem dupla nacionalidade: quando a mãe é brasileira e o pai é paraguaiio – ou vice-versa.

Eu sou brasiguaiio, sabe por quê? Porque minha mãe é brasileira. Meu pai é paraguaiio e casou com ela faz tempo lá no Brasil. Então ele veio para cá e eu nasci. Eu sei falar, escrever e ler em português, em espanhol e em guarani. Eu vivi um pouco no Brasil e um pouco no Paraguai, sabe. Por isso, e por minha mãe ser brasileira, eu acho que eu sou brasiguaiio. [Orlando Sanches, segurança, 43 anos, casado, ensino médio completo. Pedro Juan Caballero, 2011]

A fala de seu Orlando Sanches oferece testemunho do grau de interação existente entre os dois povos vizinhos. Sua dupla nacionalidade e o domínio dos três idiomas mais usados na região demonstram a enorme riqueza sociocultural que envolve tanto brasileiros quanto paraguaios.

Outros interlocutores também deram a mesma resposta à pergunta formulada anteriormente. Para eles, o fato de morar na fronteira, de entender a língua portuguesa ou mesmo de fazer compras, geralmente de roupas, calçados e até eletrodomésticos, nas lojas brasileiras – inclusive tendo acesso ao crédito – constituem elementos que os fazem se identificar como brasiguaios.

O fato de fazer compras no Brasil, principalmente pelas mulheres, aparece em vários momentos no decurso das entrevistas e depoimentos no decurso da pesquisa. Conforme se constatou, as mulheres – apesar de trabalharem no comércio de Pedro Juan Caballero – fazem suas compras de sapatos e roupas no Brasil. A justificativa para se comprar no Brasil esses artigos é que, segundo as interlocutoras pedrojuaninas: “*A qualidade dos produtos é muito superior à dos que são vendidos no Paraguai*”. [Irene Domingues, 33 anos, casada, *casilleira*, ensino médio incompleto].

A *casilleira* Irene Domingues se reconhece brasiguai por um outro motivo: é casada com um brasileiro. Para ela, a convivência, o aprendizado e a troca de costumes entre as duas nacionalidades imprimem à sua constituição identitária um certo cosmopolitismo. Segundo Irene:

Olha, eu sou brasiguai porque sou misturada [risos], um pouco paraguaia um pouco brasileira, já que meu marido é brasileiro e eu tenho um filho registrado no Brasil. Ele está matriculado na escola de lá [Brasil, Ponta Porã], eu sou chamada para as reuniões, assino documentos de responsabilidade quando ele faz alguma coisa errada, coisa de criança, sabe? Meu marido trabalha no Brasil, mas a gente mora aqui em Pedro Juan, porque é mais barato morar aqui do que lá. Então, além de ser casada com brasileiro, eu sei falar bem o português, ele me ensina, só não quer aprender espanhol nem guarani. [Irene Domingues]

Assim, para muitos pedrojuaninos não há problema em se identificarem como brasiguaios, não que acreditem que não são “*nem uma coisa nem outra*”; mas se veem e se identificam tanto com um quanto com outro país, pelas mais diversas razões. Contudo, quanto à nacionalidade, se definem “*paraguayos*”, como se constatou no decorrer do trabalho de campo.

Em relação à menção aos produtos vendidos em Pedro Juan, faz-se necessário esclarecer que são vendidos, mas não produzidos naquela cidade, pelo menos não em sua grande maioria. Esses produtos são oriundos, geralmente, de Ciudad del Este, que por sua vez os importa da China, como se pode observar nas etnografias de Fernando Rabossi (2004) e Rosana Pinheiro-Machado (2009).

Os produtos que chegam a Ciudad del Este vêm de diversas partes do mundo: Estados Unidos, China, Japão, Inglaterra. No entanto,

o maior afluxo de mercadorias advém da China, devido ao enorme contingente de chineses que moram e trabalham com o comércio em Ciudad del Leste. Mas por que a China figura como exportador por excelência de mercadorias? A resposta está, entre outros fatores, nos baixos preços dos produtos que fabrica e exporta, bem como nas redes de ilicitude que favorecem a produção, a distribuição e o consumo destas mercadorias. (Pinheiro-Machado, 2009)

A identificação como brasiguaiio na fronteira pode estar associada a uma estratégia de movimento de identidades. Poder-se-ia argumentar que a identificação de alguns dos interlocutores como *brasiguaios* nada mais seria que uma estratégia discursiva que visaria a atender ou responder às indagações do *outro* – o pesquisador – em um dado contexto. Identificar-se como brasiguaiio numa situação de contato em que o interlocutor é de nacionalidade brasileira supõe certa simpatia e adequação à situação que se apresenta; algo como que “querer agradar”.

Assim, a categoria brasiguaiio seria manipulada e ressignificada – em um contexto de fronteira, no caso Pedro Juan Caballero e Ponta Porã – para servir de instrumento discursivo que objetiva dar sentido e significado às relações socioculturais estabelecidas no cotidiano da vida prática.

Eriksen (2001) teoriza que a identidade é constituída através de um processo relacional e que cada indivíduo carrega consigo uma gama de identidades em potencial; no entanto, somente algumas delas podem adquirir importância social. Portanto, de posse do reconhecimento – ainda que de forma inconsciente – da importância de certas características identitárias, estas são acionadas para intermediar a relação entre indivíduos. O termo brasiguaiio funcionaria, nesse sentido, como uma “identidade narrativa<sup>7</sup>” em que a combinação de categorias sociais e narrativas identitárias estaria por trás das ações das pessoas.

Nesse sentido, Barth (2000, p. 26) afirma que as distinções entre categorias étnicas não dependem, segundo ele, de ausência de mobilidade, contato e informação, mas implicam efetivamente processos de exclusão e de incorporação, pelos quais, em que pesem as mudanças de participação e pertencimento ao longo das histórias de vida individuais, tais distinções são mantidas. Assim, existem relações sociais estáveis,



persistentes e frequentemente vitais que não apenas atravessam essas fronteiras como também muitas vezes baseiam-se precisamente na existência de status étnicos dicotomizados. Ou, ainda, nas palavras de Barth (2000, p. 26) “As distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais, mas, ao contrário, são frequentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais abrangentes são construídos”. Dada a ênfase na dimensão desses grupos como portadores de cultura, a classificação das pessoas e dos grupos locais como membros de um grupo étnico não deve necessariamente depender da presença de traços culturais particulares. (Barth, 2000)

## 7 Brasiguaios: ontem e hoje

Historicamente, de acordo com Albuquerque (2009, p. 155), o termo *brasiguai* “[...] foi criado em 1985, no período de retorno para o Brasil do primeiro grupo organizado de imigrantes brasileiros que viviam no Paraguai”. Na verdade, os imigrantes foram “expulsos” do Paraguai devido “[...] à concentração da terra, da mecanização da agricultura, do fim dos contratos de arrendamento e dos créditos agrícolas facilitados nas décadas anteriores”. (Albuquerque, p. 155)

De acordo com informações colhidas nos trabalhos de Albuquerque (2010) e Wagner (1990), a expressão teria se originado no decorrer de uma reunião realizada no Município de Mundo Novo – MS, em 1985. A reunião em questão tinha sido organizada para discutir uma possível articulação que facultasse o retorno dos camponeses brasileiros que até então residiam no país vizinho.

No decurso do encontro, um dos camponeses que lá estava – indignado pela indefinição identitária que os acometia – ventilou a indagação que até então muitos haviam calado: “[...] então quer dizer que nós não temos os direitos dos paraguaios porque não somos paraguaios; não temos os direitos dos brasileiros porque abandonamos o país. Mas me digam uma coisa: afinal de contas, o que nós somos?”. A pergunta foi respondida por Sergio Cruz, então deputado federal pelo Estado de Mato Grosso do Sul, nos seguintes termos: “[...] vocês são uns brasiguaios, uma mistura de brasileiros com paraguaios, homens sem pátria”. (Wagner, 1990, p. 20)

O governo José Sarney, na esperança de realizar a Reforma Agrária no Brasil, contribuiu enormemente com o retorno dos imigrantes pobres ao país. Esses imigrantes passaram, então, a formar uma estrutura básica com vistas a lutar pela terra. Ao mesmo tempo, “Os grupos religiosos, a imprensa e os próprios camponeses brasileiros começaram a construir a identidade de *brasiguai*o como ‘vítima’ de um duplo progresso de ‘expulsão’”. A intenção era que a “[...] nova denominação funcionaria como uma forma de restabelecer os vínculos com a nacionalidade brasileira, visto que são homens *sem pátria*”. (Albuquerque, 2009, p. 155, grifos do autor)

Conforme Albuquerque (2010), a categoria *brasiguai*o pode ser atribuída ao imigrante pobre que foi para o Paraguai e, não conseguindo ascensão social, regressou ao Brasil; aos grandes fazendeiros brasileiros no Paraguai; aos filhos dos imigrantes que já nasceram naquele país e têm a nacionalidade paraguaia; aos imigrantes e aos descendentes que já misturam a cultura brasileira com elementos da cultura paraguaia e a todos os imigrantes brasileiros que vivem no país vizinho. Na verdade, as classificações aparecem misturadas nos discursos dos interlocutores, expressando a ambiguidade do termo.

Sprandel (2009) explica que o termo é complexo e que, enquanto no Brasil o *brasiguai*o é associado ao imigrante sofredor, responsável pelo crescimento da região; no entanto, sem apoio do governo do país, no Paraguai ele é tido como vilão imperialista e responsável pela expulsão dos camponeses nativos.

Exemplo da análise de Sprandel sobre o preconceito em relação ao *brasiguai*o pode ser facilmente visto nos periódicos que circulam no país vizinho. É o caso da matéria assinada pelo jornalista Alejandro Sciscioli em 2003. O título já é – por si mesmo – esclarecedor: *La presencia incómoda de los “brasiguayos”*. Sciscioli reclama da presença dos *brasiguaios* assentados no Paraguai que, segundo ele, “[...] afincados en Paraguay son acusados de acaparar tierras, sostener prácticas agrícolas insostenibles e imponer su cultura. Poseen unos 1,2 millones de hectáreas, 40 por ciento de la superficie total de dos departamentos fronterizos con Brasil”.

Portanto, a visão romanceada dos escritores regionalistas sul-mato-grossenses sobre a condição de vida dos *brasiguaios* no Paraguai é

equivocada. Exemplo dessa visão romanceada foi colhido – nos sebos de Campo Grande – MS – por Sprandel em 1990

Os brasiguaios são em geral, mais felizes que os filhos de outras regiões. Em primeiro lugar porque são, de saída, internacionais... [...] É só atravessar a rua em Ponta Porã e já se está no Paraguai, ou no Brasil. [...] em segundo lugar porque os brasiguaios têm orgulho de dizer que nasceram numa fronteira onde os dois povos não têm consciência de que vivem em países diferentes. Para eles – fronteiriços – as duas nações são como se fossem uma só. [...] Os brasiguaios autênticos têm, pois, dupla razão para uma felicidade mais ampla. São duplamente felizes. Têm duas casas, duas pátrias. (Ibanhes *apud* Sprandel, 1993, p. 82)

A verdade é que já naquela época, 1990, os brasiguaios não tinham um convívio tranquilo com a população paraguaia. Por conta da forma como entraram no território eram vistos como estrangeiros. De acordo com Sprandel (1994, p. 84): “Pouco puderam conhecer e admirar a cultura guarani, posto que não a conheceram, a não ser através da dura face dos funcionários da ditadura de Alfredo Stroessner”.

A situação dos brasiguaios no Paraguai hoje é muito complicada. Noticiam-se constantes conflitos entre os sem-terra (*carperos*<sup>8</sup>) daquele país e os brasiguaios; que são acusados de falsificarem os títulos de terra concedidos a eles durante o governo de Stroessner. Os brasiguaios também são responsabilizados pelas precárias condições de vida da população rural paraguaia, dado o fato, segundo os denunciantes, de os brasileiros terem feito fortuna explorando as terras do país.

Sprandel (2009, p. 2) informa que atualmente os brasileiros da fronteira não gostam da denominação de brasiguaios, e os parentes daqueles, os brasiguaios “originais”; ou seja, aqueles que se instalaram na região da fronteira, optam por se assumir brasileiros ou paraguaios: “Não são uma coisa híbrida. Já há duas gerações desde a formação desse grupo de fronteira, então o sentimento de pátria é diferente daquele de quase quatro décadas atrás”.

Para Sprandel (2009, p. 2): “A relação entre os dois povos envolve certo estranhamento, mas é um encontro rico, que pode dar certo. A

situação entre brasileiros e paraguaios é cheia de nuances, não é preto no branco”. Portanto, para ela, é necessário observar as relações estabelecidas entre eles, o governo e o Estado “[...] com o sentimento de pátria, para entender como funciona”. (Sprandel, 2009, p. 2)

## 8 Considerações Finais

A partir do exposto, pode-se concluir que a definição identitária autoatribuída quanto a se considerar brasileiro, paraguaio, brasiguaiou ou fronteiriço na fronteira Brasil/Paraguai encerra uma série de definições situacionais, permeadas por afirmações jocosas e negações de determinadas formas de classificação fronteiriça. Grande parte dos paraguaios e dos brasileiros, taxistas, comerciantes e moradores da região, na sua maioria, contatados em Pedro Juan Caballero e Ponta Porã por ocasião do trabalho de campo supramencionado, não se dizem ou se identificam como fronteiriços ou brasiguaios; identificam-se como brasileiros ou paraguaios natos, como alguns costumam frisar.

No entanto, como apontado no decorrer deste texto, alguns representantes das classes trabalhadoras mais intelectualizadas – professores, jornalistas dentre outros profissionais liberais – se reconhecem e se autodefinem como fronteiriços, como se pode depreender dos depoimentos constantes deste texto.

Nesse processo de autodefinição, esses indivíduos escolhem, para explicar o porquê se acreditam fronteiriços, vocábulos e construções semânticas que enfatizem a propalada irmandade entre os povos que convivem na fronteira Brasil/Paraguai; talvez influenciados pelos discursos empregados por literatos e alguns setores da mídia, tanto brasileira quanto paraguaia, que reforçam sempre que podem essa crença nessa relação fraternal e híbrida que, ainda que se não negue sua existência, guardadas as devidas proporções, não se acredita que ocorra desassociada de conflitos – como alguns querem fazer crer.

O contexto de fronteira, notadamente Brasil/Paraguai, no que toca às autoatribuições identitárias, coloca questões relevantes acerca da constituição da identidade, ou identidades, nesses espaços de convívio e encontros – e também desencontros. Questões estas que vão muito além do mero bairrismo e/ou do nacionalismo extremado. Indagações

que levam ao reconhecimento e consequente enfrentamento das incontáveis interconexões que atuam e interferem na construção de noções identitárias e nacionalistas que plasmam as realidades socioculturais tanto no Brasil quanto no Paraguai, especialmente as cidades gêmeas de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã.

As incertezas dizem respeito às questões sobre as definições identitárias relacionadas às categorias de brasiguai e fronteiriço; mas não às categorias de nacionalidade brasileira e/ou paraguaia. Aqui, tanto no Brasil como no Paraguai, a nacionalidade e o sentimento de pertença é extremamente presente nos discursos dos interlocutores quando inquiridos acerca de sua identidade nacional.

## Notas

<sup>1</sup> Vendedores que ocupam as pequenas edificações conhecidas como *casilhas* – feitas de maneira artesanal – que ficam dispostas ao longo da Av. Dr. Francia em Pedro Juan Caballero.

<sup>2</sup> Em Pedro Juan Caballero, os depoimentos foram verbalizados em uma mistura de língua portuguesa e língua espanhola. Adotou-se, aqui, a transcrição de todas as falas dos interlocutores para a língua portuguesa, acreditando, com isso, possibilitar uma melhor cadência e dinamicidade à leitura do texto.

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre as vantagens, as desvantagens e as limitações da *entrevista* como instrumento metodológico passível de utilização na construção e/ou reprodução da realidade social. Ver: HAGUETE, Maria Frota Teresa. A entrevista. In: **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 12. ed. Petrópolis, RJ. Vozes. p. 81-86.

<sup>4</sup> A contenda versava sobre as circunstâncias que levaram o país à guerra. O’Leary defendia a tese de que o país havia saído “vitorioso” de uma guerra desigual. Para ele, o conflito teve origem em causas externas ao Paraguai, tais como: as artimanhas do governo brasileiro e a cumplicidade do governo argentino. O’Leary buscava reconstruir e despertar o sentimento de nacionalidade do povo paraguaio. Para tanto, elaborou uma visão baseada em um passado de glória e pujança em que o povo paraguaio vivia de maneira feliz e próspera até que a ganância de seus vizinhos o condenaram à prostração. Por sua vez, Báez era radicalmente contra essa visão romaneada. Para ele, os governos tirânicos de Francia e López foram os responsáveis pela guerra, pelo embrutecimento e ignorância do povo, fatos que o transformou em mero brinquedo nas mãos dos governantes. Nessa peleja, O’Leary saiu vencedor. A vitória de O’leary se deu devido ao fato de seu discurso atender aos anseios populares na medida em que justificava a derrota do povo paraguaio numa guerra injusta. Era bem mais fácil aceitar a tese de que haviam sido vítimas de um complô internacional por parte de seus vizinhos do que a aceitar o fato de que haviam lutado em uma guerra que não fazia sentido, e que poderia ter sido evitada, poupando o país e sua população da derrota, da morte e da pobreza. Cf. BREZZO, Liliana M. La historia y los historiadores. In: TELESCA, Ignacio (Coord.). **Historia del paraguay**. Asunción-Paraguay: Taurus. 2010. p.13-32.

- <sup>5</sup> O Porte, no Paraguai, corresponde a um constructo de ordem semântica que tanto pode significar “para o Paraguai”, quanto “para o paraguaio”. Em castelhano, O porte pode ser entendido como a maneira que alguém se apresenta diante dos outros; ou, ainda, o jeito peculiar de alguém se conduzir durante o processo de interação social. A expressão Paraguai Porte pode ser utilizada, emicamente, tanto para desdenhar e menosprezar uma pessoa quanto para dizer que esta é demasiada e/ou extremamente paraguaia. Cf. MELIÁ, Bartolomeu. Paraguay inventado.
- <sup>6</sup> Tais como o consumo de tereré, o consumo de produções musicais, tanto brasileiras quanto paraguaias, em ambos os países.
- <sup>7</sup> De acordo com o Ministério de Relações Internacionais do Brasil, o número de imigrantes no país vizinho é de 487.517,00. Disponível em: <[http://www.mte.gov.br/rel\\_internacionais/default.asp](http://www.mte.gov.br/rel_internacionais/default.asp)>. Acesso em: 30 out. 2014.
- <sup>8</sup> Identidade narrativa é um conceito construído por Paul Ricoeur e pode ser definida, *grosso modo*, como “[...] o tipo de identidade à qual um ser humano acede graças à mediação da função narrativa”. Cf. CORREIA, Carlos João. **A identidade narrativa e o problema da identidade pessoal**: tradução comentada de *L'indétité narrative* de Paul Ricoeur. *Arquipélago*, n. 7, p. 177-194, 2000. Disponível em: <<http://metafisica.no.sapo.pt/ricoeur.html>>. Acesso em: 30 out. 2014.
- <sup>9</sup> “Carperos” é a denominação dada aos sem-terra de nacionalidade paraguaia que acampam nas “carpas” (tendas).

## Referências

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos brasiguaios entre os limites nacionais.

**Horizontes Antropológicos**, [on-line], v. 15, n. 31, p. 137-166, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n31/a06v1531.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2011.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

\_\_\_\_\_. Fronteiras e identidades em movimento: fluxos migratórios e disputa de poder na fronteira Paraguai-Brasil. **Cadernos CERU**, série 2, v. 19, n. 1, junho 2008.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro. Tradição e Ideologia: a construção da identidade em mato grosso do sul. *In*: MENEGAZZO, M.A.; BANDUCCI JÚNIOR A. (Org.). **Travessias e limites**: escritos sobre identidade e o regional. Campo Grande, MS: UFMS, 2009.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. Disponível em: <[http://www.4shared.com/office/lwGZMczL/homi\\_bhabha\\_-\\_o\\_local\\_da\\_cultu.html](http://www.4shared.com/office/lwGZMczL/homi_bhabha_-_o_local_da_cultu.html)>. Acesso em: 16 dez. 2012.

BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa, 2000.

\_\_\_\_\_. Analytical dimensions in the comparison of social organizations. *In*: **Process and form in social life**. London: Routledge & Kegan Paul, 1981.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CAMACHO-ZAMORA, José Antonio. **La investigación cualitativa y sus aplicaciones**. Costa Rica: IMEC/UCR, 1995.

CREYDT, Oscar. **Formación histórica de la nación paraguaya**. 4. ed. Asunción-Paraguay: Servilibro, 2010.

DONNAN, Hastings; WILSON, Thomas (Ed.). **Borders identities: nation and state at international frontiers**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1998. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/Iulianghe/d/50012129-Border-Identities>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

ERIKSEN, Thomas Hylland. Ethnic identity, national identity and intergroup conflict: the significance of personal experiences. *In*: ASHMORE, Richard D.; JUSSIM, Lee J.; Wilder, D. (Org.). **Social identity, intergroup conflict, and conflict reduction**. Oxford: Oxford University Press, 2001 p. 42-70. Disponível em: <[http://folk.uio.no/geirthe/Identity\\_politics.html](http://folk.uio.no/geirthe/Identity_politics.html)>. Acesso em: 16 ago. 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. [Título original: The question of cultural identity]. Disponível em: <[http://www.4shared.com/office/tidoLqxf/HALL\\_Stuart\\_A\\_Identidade\\_Cultu.htm](http://www.4shared.com/office/tidoLqxf/HALL_Stuart_A_Identidade_Cultu.htm)>. Acesso em: 22 jul. 2011.

GOIRIS, Fábio Anibal Jara. **Descubriendo la frontera: historia, sociedad y política en Pedro Juan Caballero**. Pedro Juan Caballero: IPAG, 1999.

GRIMSON, Alejandro. **Las culturas son más híbridas que las identificaciones**. Conferência apresentada em Reflections on the Future. University of Califórnia, Santa Cruz, fevereiro de 2004.

LAMBERTI E OLIVEIRA, T. C. M. As trocas, a territorialidade e o ambiente na fronteira Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). *In*: OSÓRIO, A. C. N.; PEREIRA, J. H. V.; OLIVEIRA, T. C. M. (Org.). **América Platina: educação, integração e desenvolvimento territorial**. Campo Grande, MS: UFMS, 2008. (v. 1)

LAMBERTI, Eliana. **Regulação e reprodução do sistema socioeconômico: análise da trajetória do desenvolvimento do Paraguai**. 2011. 283 f. Tese (Doutorado em Economia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Rio Grande do Sul, RS. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49857/000835765.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 5 jul. 2014.

MARTINS, Patrícia C. S. **A formação do território turístico de Pedro Juan Caballero (Paraguai)**. Aquidauana, MS: UFMS, Dissertação (Mestrado em Geografia), 2007.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. **“Yo soy paraguayo, chamigo!”**: breve estudo sobre a identidade no Paraguai. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFGD, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Made in China**. Produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PONTA PORÁ. [2014]. Disponível em: <[http://www.pontapora.ans.gov.br/imagens\\_materias/1249-01.g.jpg](http://www.pontapora.ans.gov.br/imagens_materias/1249-01.g.jpg)>. Acesso em: 30 out. 2014.

POZZO, Aníbal Orué. Las construcciones discursivas del periodismo. *In*: \_\_\_\_\_. **Periodismo y Nación: Paraguay a inicios del siglo XX**. Asunción-Paraguay: Arandurã Editorial. 2008.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. **Vias de comunicação e articulações econômicas do antigo Sul de Mato Grosso (século XIX e XX)**: notas para discussão. Dourados. 2004. 37fls.

RABOSSI, Fernando. **Nas ruas de ciudad del este**: vidas e vendas num mercado de fronteira. 334 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <[http://teses.ufrj.br/PPGAS\\_D/FernandoRabossi.pdf](http://teses.ufrj.br/PPGAS_D/FernandoRabossi.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2011.

SPRANDEL, Márcia Anita. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. **Estud. av.** [on-line], v. 20, n. 57, p. 137-156, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0103-40142006000200011>>. Acesso em: 12 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Brasil e Paraguai: o desafio do conhecimento. *In*: ALBUQUERQUE, José Lindomar. C. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010. p. 13-15.

\_\_\_\_\_. Termo brasiguai é simplista e defasado, diz pesquisadora. Entrevista ao Jornalista Daniel Buarque. **Site G1. Globo**. 26/07/2009 – 07h00 – Atualizado em 26/07/09 – 11h23. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1242354-17083,00.html>>. Acesso em: 7 fev. 2013.

\_\_\_\_\_. Fronteiriços e brasiguaios na história do Mato Grosso do Sul. **Revista Arca**, n. 4, Campo Grande, MS: Datagraf Estúdio Gráfico Ltda. p. 82-85, 1993.



SOARES, Marcelo Vicente Cancio. **Território televisivo**: estudo da televisão e do telejornalismo na fronteira do Brasil com o Paraguai. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, São Paulo, USP, 2008.

THIOLLENT, Michel Jean Marie. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis, 1985.

TORRECILHA, Maria Lúcia. **A fronteira, as cidades e a linha**. 1. ed. Campo Grande: UNIDERP. 2004.

OSÓRIO, Helen. O espaço platino: fronteira colonial no século XVIII. *In*: CASTELO, Iara Regina. **Práticas de integração nas fronteiras**: temas para o MERCOSUL. Porto Alegre: UFRGS, Instituto Goethe/ICB, 1995.

WAGNER, Carlos. **Brasiguaios**: homens sem pátria. Petrópolis: Vozes, 1990.

WHIGHAM, Thomas L. Fruto de violencia y sacrificio: el nacionalismo paraguaio y la guerra de la triple alianza. *In*: CASAL, Juan Manuel; WHIGHAM, Thomas L. (Edición). **Paraguay: el nacionalismo y la guerra**. Asunción-Paraguay: SERVILIBRO. 2009.

Recebido em 29/04/2014

Aceito em 08/09/2014